

HISTÓRIA DA PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA: LAÇOS E ENTRELAÇOS COM ORGANIZAÇÕES/MOVIMENTOS SOCIAIS DE RONDÔNIA

Nelbi Alves da Cruzⁱ

Artemis Augusta Mota Torresⁱⁱ

RESUMO. O artigo analisa a história da pedagogia da alternância que, desde sua implantação esteve entrecruzada com organizações/movimentos sociais. No caso de Rondônia, essa relação surge na década de 1980, período em que ocorre a expansão das Escolas Famílias Agrícolas (EFAs) no país, instituição esta que utiliza tal metodologia. A história da PA tem seu marco na França, em 1935, a partir do movimento de Sillon, cuja preocupação central era a formação do Jovem agricultor francês, sendo que no Brasil a experiência surge com o Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo (MEPES), ao final da década de 1960. No estado de Rondônia, a EFA nutre-se na pastoral católica, além de associações de produtores, recebendo apoios entre tantos, do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA) e, principalmente a Comissão Pastoral da Terra (CPT), que por meio de seus agentes fez o trabalho de conscientização com as famílias camponesas. Tais organizações/movimentos tinham por prioridade a posse, manutenção e a produção na terra. Esse trabalho é resultado do projeto de pesquisa “A práxis da Escola Família Agrícola: continuidades-descontinuidades na vida dos egressos camponeses”, em curso, realizado no Doutorado em Educação, da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), sendo utilizado o estudo de caso como forma de pesquisa. A coleta de informações ocorreu por meio da observação, entrevista e documentos que faziam referência à EFA de Rondônia, com o foco nas influências dessa pedagogia na vida do egresso dessa experiência educativa. Assim, um dos resultados parciais indicou que a presença de movimentos sociais na formação dos jovens, bem como na criação da EFA contribuiu no envolvimento destes em organizações/movimentos sociais.

Palavras-Chave: Alternância. Movimentos Sociais. Egressos camponeses.

110

INTRODUÇÃO

O movimento da pedagogia da alternância (PA) de Rondônia tem seu marco inicial na década de 1980, culminando com a criação da Escola Família Agrícola (EFA) Padre “Ezequiel Ramin”, na linha 10, km 04, município de Cacoal; seguido das EFAs Itapirema, em Ji-Paraná; Ouro Preto, hoje EFA do Vale do Paraíso, localizada no município de mesma denominação; “Chico Mendes” em Novo

Horizonte; São Francisco do Guaporé; Candeias do Jamari; e, uma que é membro da organização das EFAS de Rondônia e fica localizada próximo à divisa com o estado do Acre. Além dessas já implantadas há outras em fase de implantação em outros municípios: Jaru, Buritis, Alta Floresta, dentre outros.

A história de cada uma delas tem a contribuição de organizações sociais populares do campo, estas sendo entendidas como aquelas que estão a serviço e construída pelos trabalhadores, mas com ações específicas, como é o caso das Associações de Produtores das linhas, cujo trabalho se limita, entre tantos outros, a aquisição de equipamentos agrícolas, tratores, máquinas de cereais e de café, apoio em créditos agropecuários. Nesse rol, também se insere o trabalho desenvolvido pela pastoral católica, as associações denominadas de agriculturas alternativas, as associações/cooperativas dos assentamentos de trabalhadores rurais, Sindicatos de Trabalhadores Rurais (STR), Cooperativas de Assentados, Comissão Pastoral da Terra (CPT). Quanto às Organizações Não-Governamentais que apóiam o povo, é um caso a parte, visto que assumem funções, em boa medida, de assessoria aos movimentos sociais, ofuscando, às vezes, o papel de quem deveria ser o protagonista das lutas populares.

Já os movimentos sociais, se refere àqueles que são “portadores do novo, do projeto popular de sociedade e de educação”, sendo pois, o sujeito político coletivo que promove as experiências de educação rural do campo (RIBEIRO, 2010), tendo nesta dimensão um apêndice de outras lutas concernentes às necessidades dos trabalhadores, com caráter classista de *subalternidade*. O fato é que esse movimento implica em assumir uma dinamicidade, combinando com a caracterização do dínamo, porém este poderá ir no sentido horário, quanto anti-horário, havendo ainda situações ou espaços-tempos de estabilização para reflexões e/ou aprofundamentos, tão necessários para avaliar o caminho ou os caminhos trilhados.

Dentre estes movimentos, com atuação no estado de Rondônia, os destaques são para o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), o Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA), a Liga dos Camponeses Pobres de Rondônia, o Movimento de Atingidos por Barragens (MAB), o Comitê de Luta Popular, entre outros

O referido projeto tem como problemática de estudo a práxis da EFA de Rondônia no âmbito da formação proporcionada para seus estudantes, jovens

agricultores, e seus reflexos no envolvimento/participação em organizações/movimentos sociais, como profissionais Técnicos em Agropecuária. A fundamentação teórica tem por base conceitos de filosofia da práxis, classe subalterna, hegemonia, sociedade civil, dentre outros de Antônio Gramsci e outros autores que tem no materialismo histórico dialético seu mote de discussão em tempos atuais.

A metodologia utilizada se pautou no estudo de caso, tendo como sujeitos da pesquisa egressos, pais, monitores (educadores) da EFA, técnicos formados na PA que tem ou teve atuação em organizações/movimentos sociais desse estado, constituindo-se suas histórias de vida nessas ações político profissionais. Desse modo, também faz parte da pesquisa a família, ex-monitores e lideranças que estão ou estiveram a frente do trabalho com esses sujeitos.

Os resultados indicaram que os desafios da formação do jovem na EFA no sentido de envolver-se em organizações/movimentos sociais está relacionado com a perspectiva teórica e a opção política voltada para as questões dos subalternos do campo e temas como cooperativas, reforma agrária, sindicalismo, dentre outros necessitam estar na ordem do dia do debate no interior da escola. Também nos encontros dos ex-educandos da EFA a ênfase tem ocorrido organizar o grupo em torno de uma associação, cuja função é proporcionar avaliações visando aprimorar a consciência crítico organizativa dos estudantes durante o tempo de 4 anos de estudo na EFA.

ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA: UMA HISTÓRIA ENTRELAÇADA COM MOVIMENTOS SOCIAIS.

A origem da pedagogia da alternância, bem como da EFA, teve seu marco inicial em Lot-et-Garone, pequena comunidade rural localizada no sudoeste da França, em 1935, em que três agricultores e 04 jovens, juntamente com o Padre Abbé Granereau, ao discutirem sobre a problemática da formação escolar desses jovens agricultores, compreenderam que suas necessidades constavam em encontrar o modelo educacional que formasse profissionalmente o pequeno agricultor francês, sem sair de sua realidade (NOSELLA, 1977). Logo foi criado um curso em que estes jovens permaneciam um mês no internato e outro período similar com seus familiares, desenvolvendo atividades práticas relacionadas ao que

havam refletido . Dai a criação da Maison Familiare Rurale (Casa Familiar Rural), cuja metodologia consistia na pedagogia da alternância.

Simplificadamente , na história da PA, ao que parece, esta pedagogia não foi criada num passe de mágica, pois para chegar a tal fato houve, acima de tudo muitas reuniões, encontros, debates em torno das necessidades dos agricultores para continuarem a resistência no campo. Nesse sentido, um dos movimentos que contribuíram na formação dessas Casas foi o de Sillon (Sulco), cujo desdobramento se deu no Secretariado Central de Iniciativas Rurais (SCIR), que apresentava em sua estrutura a Secretaria de aprendizagem agrícola, tinha por meta a formação da juventude desse espaço tempo.

O Estatuto desta Seção de Aprendizagem Agrícola é ilustrativo deste processo em curso e de uma atualidade surpreendente. Ele revela a riqueza e a coerência entre o SCIR, as aspirações e necessidades dos agricultores, os desejos dos jovens e a continuidade do trabalho do Sulco Rural, colocando em prática o que havia sido proposto no início do século. Percebe-se que a discussão, a decisão e os encaminhamentos tomados pelos agricultores de Sérignac-Péboudou subsidiaram e determinaram a elaboração dos estatutos da Seção recém criada. Então havia uma decisão manifestada desde o início do século de investir na formação dos jovens rurais e na organização dos agricultores (QUEIROZ, 2004, p. 67).

113

Do mesmo modo Ribeiro (2010) faz referência ao histórico da PA ao movimento de Sillon, na medida que este representava de maneira ampla o arcabouço de interesses dos produtores, incentivando aspectos tão primordiais no funcionamento de uma Maison Familiare Rurale.

O Sillon inspirou o sindicalismo agrícola, a solidariedade e a ação comum em todos os domínios da vida profissional, social e cultural, e a criação de uma pastoral para jovens, reunidos na Juventude Agrária Católica (JAC). Essa cultura comum explica o engajamento militante das famílias e a rápida expansão, através das ideias herdadas de Marc Sangnier, e do personalismo de Emmanuel Mounier. (RIBEIRO, 2010, p. 294)

A referencia à Mounier se deve ao fato dele defender o personalismo comunitário, pois embora conferindo à pessoa, exclui qualquer individualismo egoísta e isolador. Os interesses da comunidade são proclamados superiores aos interesses dos indivíduos considerados materialmente. Exatamente porque o trata de comunidades de pessoas, que não inconcebíveis fora da sociedade (NOGARE, 1977, p.136).

Envolto nesse ideário de participação comunitária a experiência com a primeira MFR, foi bem aceita e ajudou na multiplicação, culminando na criação em 1942 da União Nacional das Maisons Familiares Rurales (UNMFR), com a responsabilidade de coordenar a expansão da alternância, que aos poucos foi tornando obrigatoriedade do Estado pela manutenção, sem contudo perder a autonomia da gerencia pelas famílias. Desse modo, a consolidação das MFRs só acontece no início da década de 1960, sendo que ao mesmo tempo inicia-se o processo de expansão da PA para outros países, iniciando pela Itália.

Da Itália a experiência chega ao Brasil, ao final da década de 1960 e, o local privilegiado foi o município de Anchieta, estado do Espírito Santo, por meio da atuação do Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo (MEPES), sob a égide do Padre Jesuíta Humberto Pietrogrande. Dai se expandiu para outros estados da federação. Atualmente, segundo a União Nacional das Escolas Famílias Agrícolas do Brasil, tem aproximadamente 258 Centros Educativos de Familiares de Formação em Alternância (CEFFA), sendo aqui incluída outras experiências em alternância além das EFAs, tais como Escolas Comunitárias Rurais Municipais de Jaguaré – ES, Escolas Populares de Assentamento” (EPAs) e “Escolas Famílias Agrícolas autônomas” (EFAs).

114

Ressalta-se que hoje existe fundada a Associação Internacional dos CEFFAs, cujas funções, entre outras, são de promover intercâmbios, manter e conservar os princípios e objetivos da Pedagogia da Alternância.

No Brasil, o movimento da Alternância está sendo coordenado pela UNEFAB, cuja estrutura está organizada pelos regionais, a secretaria executiva e a equipe pedagógica nacional (EPN), tendo que enfrentar uma das principais dificuldades, qual seja, o repasse dos recursos para a manutenção dos CEFFAs, que até o momento funciona com a artificialidade de convênios, que, de sobremaneira, são repassados ao bem prazer dos poderes, independentemente dos níveis a que são solicitados.

EFA DE RONDÔNIA: DESAFIOS DE INTERLOCUÇÃO COM OUTROS ATORES SOCIAIS.

Conforme já anunciado, a porta de entrada para as EFAs de Rondônia foi a partir da iniciativa de lideranças eclesiais, famílias dos agricultores, Sindicatos de Trabalhadores Rurais, MST, MPA e a CPT, com a criação da EFA Padre “Ezequiel Ramim”, em 1989, hoje mais conhecida por EFA de Cacoal. Inicialmente todas iniciaram com o Ensino Fundamental e na atualidade apenas a de Vale do Paraíso permanece com somente esse nível e as outras ministram o curso de técnico em agropecuária, juntamente com o Ensino Médio. Desse modo, a prioridade é atuar com adolescentes jovens filhos de agricultores acima de 14 anos.

A estrutura administrativa a EFA está organizada com uma Associação das Famílias, a equipe de monitores e funcionários. Esta associação possui uma diretoria executiva, assim denominada de conselho administrativo, e, um conselho fiscal, cujas responsabilidades estão na vigília da preservação e manutenção dos valores e costumes dos camponeses, aprofundando e mantendo os princípios e objetivos da PA.

Assim, o movimento da PA, por meio das EFA em Rondônia representa um marco histórico, pois surge da ação concentrada de vários movimentos sociais, por meio de suas lideranças, culminando com a efervescência pela conquista da terra, bem como para manter-se nela, por fazer parte do avanço das lutas sociais, não só pela reforma agrária, mas pela melhoria da saúde, da educação, da participação política, dentre outros aspectos, também relevantes. Nesse sentido, a Pastoral diocesana de Ji-Paraná, por meio dos seus padres e bispos “progressistas”, tiveram importância fundamentais na construção dessas Escolas, hoje conhecidas internacionalmente por Centros Educativos Familiares de Formação em Alternância (CEFFAs). Notadamente esses Centros, na maioria das vezes, assumem bandeiras como a da reforma agrária, agricultura alternativa, crédito agrícola para os pequenos agricultores, proteção-preservação do meio ambiente, o recuperar das sementes “crioulas/caipiras”, moradias, além de outras reivindicações necessárias à melhoria de vida no campo. Nesse sentido se trabalha pela construção e reforço de um sentimento de pertença da família camponesa, enquanto forma de manter-se na terra e no campo (CRUZ, 2010).

Pela própria concepção de mundo, pertencemos sempre a um determinado grupo, precisamente o de todos os elementos sociais que partilham de um mesmo modo de pensar e de agir. Somos conformistas de algum conformismo, somos sempre homem-massa ou homens coletivos. (GRAMSCI, 1987,p. 12).

Portanto, as pessoas que estão hoje envolvidas na EFA de Rondônia são camponeses que criaram as próprias condições de subsistência, driblando a rede de interesses constantes junto ao crédito fácil, do sindicato que faz alianças com o patronato, das políticas macro que seus efeitos respigam onde o camponês trabalha. Ademais, ainda que os camponeses queiram realizar mudanças substanciais no campo, utilizando-se para isso a EFA, há que se atinar para o aspecto da interação/integração com outros movimentos sociais.

As organizações/ movimentos sociais do campo também estão centrados na luta contra a invasão do agronegócio agrícola, que está deixando um rastro de destruição na natureza, por meio de práticas com agricultura que usa o veneno, máquinas pesadas e pouca mão de obra. Seus interesses estão voltados para a produção mercadológica. Além disso, o estado, a fim de favorecer o grande capital está construindo inúmeras usinas hidrelétricas, provocando alagamento em terras indígenas, quilombolas e outros povos tradicionais que residem nos locais que serão atingidos ao entrar em funcionamento. Assim, o foco de ação está na defesa dos direitos humanos, dos animais e seus impactos em todo o conjunto da natureza.

Em relação à pedagogia da alternância existem experiências mantida pelo poder público como a Escola criada em 2013 no município de Pimenta Bueno, que atende a 120 estudantes da região com o ensino médio profissionalizante, com o curso de Técnico em Agropecuária com ênfase na agricultura familiar. No entanto, ainda é insipiente o envolvimento das organizações/movimentos sociais nessa proposta de educação, pois há interesses que divergem enquanto camponeses com pouca ou nenhuma terra.

A história desses grupos de organização/movimento sociais nascem em Rondônia com o processo migratório intensificado na década de 1970 e 1980 e, a EFA, vem como instrumento de luta para fortalecer a demanda pela educação primária, inicialmente com a criação das “escolinhas” rurais, alcançando hoje a busca pelo ensino fundamental, médio, cursos profissionalizantes e a educação superior.

CONSIDERAÇÕES

O movimento da PA, juntamente com as organizações sociais e outros movimentos populares têm o papel de contrapor a esse poder hegemônico da classe

dominante, por meio da educação, cultura, marchas, ocupações de terra, seminários, criação de associações, cooperativas e construindo uma agricultura natural que diminui a dependência das empresas agrícolas oligopolista internacionais relacionadas com o agronegócio agrícola.

Daí questiona-se: qual a contribuição da EFA na resistência contra essa agricultura moderna que torna o camponês submisso aos interesses das agroindústrias. Como são discutidas as questões agrárias no contexto da escola. Que valores estão presentes na organização e funcionamento da propriedade agrícola da EFA que ajudam na consolidação de um modelo de agricultura que produz respeitando o meio ambiente. As respostas a essas e outras questões estão na construção feita desde o momento que as famílias decidiram fazer uma educação própria e apropriada dos camponeses, mostrando que é possível ter uma escola que, a partir da realidade dos sujeitos que nela vivem, romper as barreiras da impossibilidade de muitos excluídos historicamente.

As organizações/movimentos sociais do campo passam por um momento de redirecionamento, visto que o neoliberalismo desenvolvido, mais intensamente a partir da década de 1990, trouxe elementos que causou um mal estar quanto à crença nesses organismos, ao mesmo tempo em que a transnacionalização do capital seguia seu curso. Nesse sentido, o poder de resistência ainda permanece, mas tomou formas diferenciadas, cabendo às pessoas envolvidas novas táticas e estratégias para romper com o metamorfoseamento do poder inscrito com as grandes empresas transnacionais, que por vezes tem nos bancos e agências internacionais seu aporte.

O movimento da pedagogia da alternância está em via de expansão no país e, especificamente Rondônia, a construção de novas EFAs passa por resolver as dificuldades com a manutenção, visto que o modelo até então existente por meio de convênios tem causado a rotatividade de profissionais e, em muitos casos, fechado algumas escolas. Desse modo, há um desafio político de tornar a pedagogia da alternância pública, por força de sua manutenção, que o torna vulnerável aos poderes constituídos que são burocratizados e carregam todos os vícios e mazelas desse sistema do qual fazemos parte. Cabe-se ressaltar que na inúmeras experiências que são mantidas pelo poder público tem ocorrido ingerências no processo de gestão da EFA, ficando sem a autonomia a associação das famílias.

Outra dimensão necessária de compreender é que toda EFA quando surgiu veio carregado de envolvimento direto das pessoas, mostrando o que queriam para a formação dos jovens, seja no que refere à profissionalização, seja na escolarização. Logo, como princípio fundamental a PA necessita do envolvimento da família para formar bem a juventude, ou seja, forma-se o jovem, a família e todo o universo que é convidado periodicamente a formar-se, formando-se.

Finalizando, cabe afirmar que o CEFFA, como unidade de formação juvenil, possibilita o reconstruir dos valores e da identidade camponesa, que em Rondônia, como em outros Estados da Região Amazônica, experimenta mudanças radicais promovidas pela mão invisível do capital, que extrapola fronteiras, visando atender a gana de agroindústrias como a Cargil, Bayer, Monsanto e todas as empresas transnacionais, bem como do imperialismo financeiro. Assim, o agronegócio avança, mas de outro lado também crescem as alianças do movimento da PA com os movimentos sociais, acreditando que os camponeses não pode esperar nenhuma transformação social que ele não possa conquistar com suas próprias mãos.

REFERÊNCIAS

118

- CRUZ, Nelbi Alves da. **Pedagogia da Alternância**: uma metodologia própria e apropriada das Escolas Famílias Agrícolas protagonizada pelos camponeses. In: I SEMINÁRIO INTERNACIONAL E III SEMINÁRIO NACIONAL: MOVIMENTOS SOCIAIS, PARTICIPAÇÃO E DEMOCRACIA. Florianópolis/ SC : 2010.
- GRAMSCI, Antonio. *Concepção dialética da história*. 7. ed. Trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.
- NOGARE, Pedro Dalle. **Humanismos e anti-humanismos**. Petrópolis- RJ: Vozes, 1977.
- NOSELLA, Paolo. **Uma nova educação para o meio rural**: sistematização e problematização da experiência educacional das Escolas da Família Agrícola do Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo. São Paulo: PUC, 1977, Dissertação (Mestrado), Pontifícia Universidade Católica, São Paulo.
- QUEIROZ, João Batista. **Construção das Escolas Famílias Agrícolas no Brasil**: Ensino médio e educação profissional. Brasília, 2004. Tese (Doutorado). Universidade de Brasília. Distrito Federal.

RIBEIRO, Marlene. **Movimento camponês, trabalho e educação: liberdade, autonomia, emancipação: princípios/fins da formação humana.** São Paulo: Expressão Popular, 2010.

NOTAS

ⁱ Professor do Departamento de Educação da Universidade Federal de Rondônia e Doutorando da Universidade Federal de Mato Grosso.

ⁱⁱ Professora do Departamento de Educação da Universidade Federal do Mato Grosso.